

Imagens do Islã na televisão brasileira: telejornalismo e novela “O Clone”

César Henrique de Queiroz Porto¹ e

José Eustáquio Chaves Filho²

Resumo: Este artigo analisa os discursos produzidos pela televisão brasileira, especificamente a Rede Globo, sobre o Islã. Destina-se a entender como essas imagens construídas correspondem a uma visão humana do mundo muçulmano, ou como elas reproduzem antigos estereótipos que aprofundam ainda mais os preconceitos e a intolerância contra a religião e sua prática. Ele faz isso através de uma comparação da cobertura jornalística dos ataques de 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos e a representação do Islã em uma popular novela brasileira.

Palavras-chave: Islã – televisão - discurso

Artigo recebido em 17/11/2010

Aprovado em 12/04/2011

¹ Doutorando em História Social pela USP, sob orientação do Dr. Peter Robert Demant. Professor Mestre em História na Unimontes, bolsista da FAPEMIG, coordenador do NUHICRE (Núcleo de História e Cultura Regional), e coordenador do Grupo de Estudos História do Tempo Presente. Contato: cesarportoporto@hotmail.com

² Aluno da pós-graduação lato-sensu em História pela Unimontes, sob orientação de César Henrique de Queiróz Porto, e integrante do grupo de estudo História do Tempo Presente, do NUHICRE.

Images of Islam in Brazilian television: TV news and soap opera "O Clone"

Abstract: This article analyzes the discourses produced by Brazilian television, specifically Rede Globo, about Islam. It aims to understand how these constructed images correspond to a humane vision of the Muslim world or how they reproduce old stereotypes that further deepen the prejudices and intolerance towards the religion and its practice. It does this through a comparison of journalistic coverage of the September 11, 2001 attacks against the United States and the representation of Islam in a popular Brazilian soap opera (telenovela).

Key Words: Islam – television – discourse

Os meios de comunicação em especial a televisão, tem servido como instrumentos de propagação de movimentos religiosos, notadamente relacionados com o cristianismo, que representam grupo majoritário no Brasil, perfazendo mais de 124 milhões de fiéis³. Os grupos carismáticos da Igreja Católica juntamente com denominações de cunho neo-pentecostais tem investido na aquisição de canais, criando emissoras com o intuito de ampliar seu raio de ação e assim mobilizar uma maior quantidade de fiéis. Contudo, as religiões minoritárias se encontram excluídas deste processo, tendo em vista que outras expressões de fé, como o candomblé, o islã e o judaísmo não conseguem instituir suas próprias emissoras para divulgar suas doutrinas, por isso estão parcialmente excluídas desta estratégia de abordagem dos fiéis pela televisão.

Desse modo, a televisão se tornou um poderoso instrumento para que estes movimentos religiosos cristãos se tornem conhecidos pelos telespectadores e que automaticamente seus princípios religiosos ganhem destaque nos debates cotidianos. Entretanto no Brasil, uma minoria religiosa ganhou proeminência nas discussões religiosas tanto na mídia quanto no dia-a-dia. O islã, apesar de formalmente não advogar o proselitismo, tem se tornado notícia desde o final da década de setenta, com o advento da Revolução Iraniana. No entanto, após os eventos do dia 11 de setembro de 2001, o mundo islâmico tornou-se o centro dos noticiários internacionais. Não obstante as informações construídas sobre esta religião foram mais frutos de analistas e de repórteres, do que de praticantes do islã. Pouco se viu de comentaristas muçulmanos nas reportagens, e quando estes foram interpelados, ocuparam um espaço marginal dentro da notícia.

³http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabulacao_avancada/tabela_brasil_1.1.2.shtm. Acessado em 14/11/2010.

O telejornalismo brasileiro absorve uma grande quantidade de informações sobre o mundo muçulmano através de agências internacionais como a *Reuters* e *France press*, conseqüentemente o olhar do telespectador se torna cada vez mais dependente das informações e estereótipos advindos da imprensa estrangeira. Conforme o intelectual Edward Said afirmou, boa parte do

(...) que é definido atualmente como “islã”, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, pertence ao discurso do orientalismo, uma construção fabricada para fomentar hostilidade e antipatia contra uma parte do mundo que por acaso tem importância estratégica devido ao seu petróleo, sua proximidade ameaçadora do mundo cristão e sua formidável história de rivalidade com o Ocidente. Contudo, isso é algo muito diverso daquilo que o islã é realmente para os muçulmanos que vivem em seus domínios. (SAID, 2003, p. 333.)

O telejornalismo nacional não se diferenciou das informações da grande imprensa internacional, pois ao abordar o mundo muçulmano após os atentados terroristas do dia 11 de setembro de 2001, os mesmos preconceitos foram remodelados nas reportagens. As notícias reconstruíram uma oposição entre o islã e a civilização ocidental, ao associar esta religião com o terrorismo e com os atentados suicidas, contribuindo para legitimar a violência, no caso a intervenção militar norte-americana como a única alternativa para a solução do conflito entre as duas civilizações. Este discurso construído pela mídia obscurece a nossa compreensão do islã como um fenômeno religioso e histórico, negando as suas contribuições para a construção do mundo ocidental, reduzindo toda uma civilização a uma minoria fanática e violenta que por meio do terrorismo ganha cada vez mais espaço na mídia.

Em contraposição as reportagens, a televisão brasileira, por meio de uma telenovela transmitida pela Rede Globo, poucas semanas após os atentados, levou um islã muito mais humano ao público brasileiro. Durante mais de duzentos dias, em horário nobre, logo após o prestigiado *Jornal Nacional*, milhões de brasileiros entraram em contato com princípios da tradição religiosa e cultural islâmica, por meio de uma narrativa novelística⁴ que se utilizou da linguagem audiovisual proporcionada pelo meio e serviu como um instrumento didático para as audiências. Ironicamente o grande público brasileiro veio a conhecer muito mais sobre a civilização do islã através de uma obra de ficção do que por intermédio do telejornalismo. Além disso, apesar da contemporaneidade com os atentados terroristas, a novela em nenhum momento associou a cultura e a religião islâmica ao estereótipo da violência terrorista. Muito pelo contrário, a trama valorizou uma tradição cultural humana e tolerante. Portanto o presente trabalho constrói uma análise sobre como o telejornalismo e a telenovela construíram imagens sobre o mundo islâmico.

O telejornalismo e a construção da guerra entre islã e o Ocidente⁵

⁴ PEREZ, Glória. *O Clone*. Direção Jaime Monjardim e Marcos Schechtman. Exibida entre 1º de outubro e 15 de junho 2002. Rede Globo. Nº de episódios: 221.

⁵ Para a análise deste artigo foram selecionados apenas dois telejornais: o “Jornal Nacional” e o “Jornal Bom Dia Brasil”, ambos da emissora Rede Globo. Diante do imenso fluxo de informações transmitidas, as fontes foram delimitadas às edições do dia dos atentados e do dia posterior, pois essas imagens e suas repetições impactaram o público e se tornaram marcantes na mente dos telespectadores. A postura destes telejornais se alterou pouco durante os meses que se sucederam ao ataque, pois muitas vezes reproduziam a postura do discurso oficial do governo norte-americano, ou de agência internacionais que se posicionaram claramente ao lado do governo estadunidense. Contudo, deve-se destacar também reportagens isoladas como a série produzida pelo “Jornal Nacional” entre o dia 12/12/2001 e o dia 15/12/2001, intitulada: “Depois do Talibã”, onde os repórteres foram a campo, destacando a intervenção da jornalista Ana Paula Padrão, que visitou o Afeganistão após a ocupação norte-americana. Estas reportagens descreveram o país com grande objetividade e em nenhum momento usaram o islã ou seus princípios religiosos vinculados ou reduzidos a alguma prática terrorista.

Os atentados terroristas contra os Estados Unidos da América colocaram o islã em evidência dentro dos debates sobre religião no Brasil e no mundo. Neste dia, a partir dos televisores e da Internet, o planeta teve conhecimento do maior ataque terrorista da história. Quatro aviões foram sequestrados por militantes do grupo extremista muçulmano Al Qaeda. Os sequestradores lançaram duas aeronaves contra as Torres Gêmeas do complexo do World Trade Center, o terceiro avião atingiu o Pentágono e outro caiu na região próxima à cidade de Pittsburg na Pensilvânia, antes de alcançar seu destino. A mídia deu visibilidade planetária ao evento e criou-se um intenso debate na sociedade buscando a compreensão desse acontecimento histórico⁶.

A televisão foi o maior meio de divulgação de discursos sobre o dia 11 de setembro de 2001, as emissoras relatando em tempo real os acontecimentos geraram a sensação de proximidade espacial e veracidade. Entre os grupos de telecomunicação no Brasil, destaca-se a Rede Globo, a maior empresa do país, dominando grande parte da audiência. Ela deu grande destaque aos eventos envolvendo o dia 11 de setembro de 2001 e as seguintes guerras no Afeganistão e no Iraque. A emissora produziu várias reportagens posteriores abordando esses eventos no Oriente Médio e as possíveis

⁶ Os atentados suscitaram inúmeros debates que se frutificou em uma extensa bibliografia. Entre as obras de maior repercussão no cenário nacional estão: “Plano de Ataque: A história dos vôos de 11 de setembro de 2001” escrito por Ivan Sant’anna que aborda como os atentados foram planejados, o treinamento dos homens que seqüestraram os aviões e o que ocorreu dentro dos aviões durante o atentado. Outro livro publicado após os atentados que ganhou relevo nas discussões sobre o assunto foi o livro *A Era do Terror: o mundo depois do 11 de setembro de 2001*”. Organizado por Strobe Talbott e Nayan Chanda, consiste em uma série de artigos produzidos por grandes nomes do cenário internacional como Paul Kennedy, Maxime Singer, Abbas Amanat, Charles Hill entre outros escritores que procuram explicar este acontecimento histórico e ao mesmo tempo traçar um panorama das futuras ações que ocorrerão no campo da geopolítica internacional.

explicações que se construíam sobre os fatos. “Como o mentor dos ataques e os 19 acusados de perpetrá-los eram muçulmanos nascidos em países árabes, o aumento do interesse dos órgãos de imprensa ocidental se intensificou.” (SOMMA, 2007, p.11). Portanto a meta aqui é compreender como a população brasileira entrou em contato com os elementos que compõem a religião muçulmana através dos telejornais e quais imagens foram evocadas por esta imprensa audiovisual.

As primeiras discussões, sobre o atentado terrorista ocorreram no Jornal Nacional que foi exibido em horário nobre no mesmo dia do acontecimento. Este telejornal é destinado a um público amplo, por isso observamos mensagens mais simplificadas que atinjam o maior público possível. Durante a transmissão se repetiam várias imagens sobre o atentado terrorista, além de questionamentos sobre seus possíveis autores e as suas motivações. O jornal repetia inúmeras vezes imagens do sofrimento, comoção e solidariedade dos ocidentais e israelenses para com as vítimas, contudo ao mostrar a reação do mundo islâmico o quadro se altera, a imagem mostra uma multidão de muçulmanos palestinos comemorando a tragédia, e o jornalista Ernesto Paglia inicia a sua cobertura com a frase: “Terror na América, festa no Oriente Médio”⁷.

Para explicar tamanha hostilidade do povo palestino, ele afirma que isto é uma reação ao apoio norte-americano a Israel, “os americanos são vistos como amigos do inimigo israelense, portanto inimigos que merecem o pior”⁸. Em uma frase o jornalista reduz a

⁷ Jornal Nacional, 11/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho

⁸ Jornal Nacional, 11/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho

hostilidade de palestinos muçulmanos contra israelenses e norte-americanos à fórmula simples: “o amigo do meu inimigo é meu inimigo”. Toda a luta pela formação de um Estado Nacional independente e as ingerências dos EUA sobre a região foram reduzidas a uma reação de ódio irracional. Não se contextualiza a existência desse povo, sem pensá-lo dentro de uma conjuntura histórica mais longa e de sua luta pela independência.

O povo palestino vive uma luta incessante que se constrói desde 1948, para a construção do seu Estado nacional. O homem palestino comum torna-se vítima da guerra que os grupos terroristas muçulmanos e o Estado de Israel travam diariamente. Assim a sua condição de nação sem território em nada se alterou nestes últimos anos, esta guerra se arrasta por décadas sem um desfecho previsível. Segundo Domenico Losurdo (2010, p. 236.), o cidadão comum palestino vive então, em um estado de penúria expropriado de seus direitos mais básicos. Por isso eles não comemoravam simplesmente porque os EUA eram aliados de Israel, mas sim por causa da suas intensas interferências em todo mundo islâmico, que é em parte uma das causas dos obstáculos desse povo para a constituição de um Estado independente. É essa expropriação dos direitos que leva os muçulmanos palestinos a comemorarem os ataques do “dia 11 de setembro” como uma revanche contra as ingerências americanas na região.

Assim constrói-se a simplificação: o muçulmano palestino é violento, reage como um animal ameaçado, incapaz de abstrações mais complexas para separar a atitude civilizada da barbárie. O repórter constrói uma dicotomia, aqueles que lamentam pela barbárie cometida pelos terroristas e aqueles que apóiam a violência. Entre uma tomada

e outra da Palestina, o autor destaca o grito de guerra da população muçulmana na comemoração: “Alá é maior”⁹ –, criando assim uma intensa conexão entre o islã e a violência. E termina sua cobertura sobre a palestina com a frase: “Há muita gente disposta a festejar a desgraça alheia diante das câmeras internacionais”¹⁰. Assim o autor desenha uma oposição de ocidente pacífico contra um islã beligerante.

Nesses pequenos trechos encontramos uma análise significativa de como são construídas as relações contemporâneas entre Oriente e Ocidente. Ao construir essa dicotomia a tele-reportagem dialoga com a tradição orientalista que tem em Edward Said um de seus maiores críticos. Para muitos autores como Said, o Orientalismo é: “um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) e o ‘Ocidente’” (SAID 1990, p. 14). Desse modo poetas, escritores, artistas, teóricos políticos, economista, etc, aceitaram a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para as suas teorias, épicos e romances. Assim construiu-se a dicotomia na reportagem, entre um Ocidente civilizado e pacífico e um Oriente violento e bárbaro. A imagem dos muçulmanos criada na reportagem segue o padrão de imagens orientalistas que são criadas pela mídia na atualidade. Segundo Said,

A maior parte das imagens apresenta massas enraivecidas ou miseráveis, ou gestos irracionais (logo, desesperadamente, excêntricas). À espreita, por trás de todas essas imagens, está a ameaça da Jihad. Resultado: um temor de que os muçulmanos (ou árabes) tomem conta do mundo. (SAID, 1990, p. 291.)

⁹ Jornal Nacional, 11/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho

¹⁰ Jornal Nacional, 11/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho

Para ampliar ainda mais este fosso entre Ocidente e islã, o repórter divide a religião em dois grupos: os muçulmanos palestinos, violentos e hostis que apóiam a barbárie “do dia 11 de Setembro”, em contraposição à comunidade muçulmana europeia que é pacífica e teme uma onda de xenofobia. Os muçulmanos palestinos irracionais representam o Oriente Médio, em oposição à comunidade muçulmana europeia que é pacífica e representa o ocidente. Assim o muçulmano ocidental é bom e adquiriu o comportamento civilizado, enquanto o palestino permanece na barbárie. Portanto o “oriental é irracional, depravado (caído), infantil, ‘diferente’; desse modo, o europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’.” (SAID, 1990, p. 50.)

Não se pode deixar de citar a necessidade que o repórter tem de associar a alegria dos muçulmanos palestinos com o grito de guerra: Alá é maior. A reportagem não coloca o Islã no centro da discussão, mas de forma indireta, coloca a religião muçulmana como pano de fundo das comemorações. Assim religião e violência são associadas fatalmente, essa agregação não é nova e também não é gratuita. A imagem do islã como uma religião violenta pode ser encontrada durante toda a história das relações entre muçulmanos e Ocidente; essa imagem pode ser encontrada na Idade Média.

Segundo Daniel, um dos maiores eruditos sobre as relações entre Oriente e Ocidente, um cânone de imagens e representações sobre o islã foi transmitido quase inalterado da Idade Média até os dias atuais. Entre essas imagens persistentes está a acusação do islã ser uma “religião da espada”, isto é da violência. Daniel (2000, p. 20-21) busca em autores medievais como Alvarus, intelectual da península ibérica, as primeiras afirmações de que o islã é uma religião sanguinária. O autor em seus escritos medievais assimilou a história entre cristãos e muçulmanos, respectivamente como a história dos

judeus sendo perseguidos pela tirania dos Caldeus, fato presente no livro de Habacuc do Velho Testamento. Mais argumentações do islã e dos muçulmanos como violentos se constroem pelos primeiros tradutores do Al Corão: Robert de Ketton e Mark de Toledo. Traduzindo o texto para a Igreja católica, estes autores procuravam no Alcorão elementos que provassem como o livro sagrado dos muçulmanos estimulava a violência através das profecias de Maomé. (DANIEL, 2000, p. 279-282.) Daniel exemplifica como esta idéia de violência do islã sobreviveu até os dias atuais analisando as obras iluministas de Voltaire, que defendiam o argumento da expansão do islã como fruto da violência. Também os escritores românticos, representados pelo escritor Antonie Galland, construíram a imagem de um sultão violento que assassina suas esposas na noite de núpcias em sua obra: *“As mil e uma noites árabes”*.

A primeira lição que a Jornal Nacional nos deu sobre os muçulmanos palestinos é que sua religião é violenta assim como sua população. A segunda imagem construída sobre o islã se passa no dia após 11 de Setembro no Jornal Bom Dia Brasil, que é transmitido às 8:00 horas da manhã, destinado a um público mais selecionado e sofisticado, que normalmente tem necessidade de informações rápidas e bem elaboradas para iniciar o seu dia de trabalho. Neste telejornal mais uma vez se repetiu inúmeras vezes as imagens do atentado terrorista, a suspeita anunciada anteriormente pelo governo dos EUA que recaía sobre o milionário saudita Osama Bin Laden, estava prestes a ser confirmada. Este fato abriu espaço para novas interpretações que constroem uma imagem negativa e confusa sobre a religião islâmica. Para dar uma possível explicação para o atentado terrorista, foram convocados para comentar a reportagem dois especialistas. O primeiro especialista é o Coronel Geraldo Cavanhare coordenador de estudos estratégicos da Unicamp, ele descreveu como poderia ser uma possível interferência norte-americana nos países que abrigavam terroristas. E em seu discurso ele afirma que:

o tipo de ato que ocorreu agora em tudo leva a crer que o ato foi praticado por grupos terroristas islâmicos primeiro pelo uso do terrorismo suicida, o uso de terroristas suicidas, e segundo pela magnitude do ato. Porque o único grupo terrorista no mundo hoje que possui meios para realizar este tipo de atitude com este nível de precisão com esta magnitude é o grupo de bin Laden.¹¹

Mais uma vez se constrói um discurso que esconde e obscurece a religião islâmica. O presente cientista ao fazer seu comentário, afirma que o atentado carregava como característica marcante e que poderia identificá-lo como um atentado islâmico o fato de ser suicida. Ele coloca o ato do terrorismo suicida como algo exclusivamente muçulmano, ao não deixar claro que outros grupos armados se utilizavam desta prática muito antes dos militantes muçulmanos. Como afirma Demant:

O homem-bomba é um desenvolvimento dos Tigres tâmeis de Sri Lanka. Se mesmo assim a associação com o Islã é verossímil, pelo menos parcialmente isto é devido aos estereótipos antimuçulmanos do Ocidente que, após quase 1.400 anos de interação mais hostil do que amistosa, ainda estão presentes no inconsciente coletivo. Em conclusão, numa visão comparativa abrangente, não se justifica destacar especialmente o islã como fonte de violência. (DEMANT, 2004, p. 341.)

A partir do comentário de Peter Demant concluímos que o fato da associação dos atentados terroristas aos grupos extremistas islâmicos torna-se muito mais um

¹¹ Jornal Bom Dia Brasil, 12/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho

comentário preconceituoso do que científico, e tende mais uma vez a associar o islã à violência. Antes do segundo comentarista ser apresentado o jornalista Marcos Uchôa argumenta sobre os motivos que levam a suspeita dos atentados terroristas recaírem sobre os grupos radicais muçulmanos, corroborando com a leitura do cientista político. Assim ele diz:

realmente o sentimento antiamericano na região é muito forte e a lista de inimigos dos Estados Unidos é antiga começando por Khomeini, Kadaf, Sadam Hussein, o Taliban, o Osama Bin Laden obviamente, grupos palestinos é difícil realmente se dizer (...) agora precisa-se realmente se descobrir a origem desses ataques para que a retaliação ou a vingança seja bem-feita¹².

Para Uchôa é plausível buscar no mundo muçulmano os perpetradores dos atentados, já que existiam precedentes de conflito entre os EUA e grupos muçulmanos. Contudo a fala do jornalista somente fortalece a oposição entre islã e Ocidente. Esta atitude não é gratuita, mas sanciona e corrobora o discurso oficial norte-americano de acusar antecipadamente grupos muçulmanos pelo terrorismo, contudo sem provas que esclarecessem a autoria dos atentados. Esta suspeita contra os muçulmanos já havia ocorrido em 1995, quando ocorreu um atentado terrorista contra um prédio público na cidade Oklahoma City, entretanto nesta ocasião as expectativas do discurso oficial norte americanos não se cumpriram.

¹² Jornal Bom Dia Brasil, 12/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho.

A exemplo dos ataques aéreos de 11 de setembro, inicialmente ninguém reivindicou o atentado. No entanto, o governo norte-americano apressou-se em apontar os árabes como os executores do atentado. Mais tarde, Timothy McVeigh, legítimo representante da violenta extrema-direita norte-americana, assumiu o atentado. (MOREIRA, 2009, p. 8.)

A dedução do repórter corrobora com o pronunciamento anterior do governo norte-americano que foi construído muito previamente ao dia 11 de setembro de 2001, e catalisa a antítese que se começa a desenhar entre islã e Ocidente. Somando os discursos do Jornal Nacional, no dia 11 de setembro e os discursos apresentados dentro do Jornal Bom Dia Brasil, observa-se como a mídia torna-se uma caixa de ressonância do discurso oficial do governo norte-americano, este se destaca por estigmatizar a religião muçulmana, alçando a religião islâmica como inimiga do Ocidente.

Ao mesmo tempo a fala do jornalista legitima a reação do governo norte-americano que mais tarde vai se dar pela forma de invasão do Afeganistão, ao usar a expressão: “(...)agora precisa-se realmente se descobrir a origem desses ataques para que a retaliação ou a vingança seja bem-feita.”. O jornalista coloca a violência, neste caso a vingança norte-americana, como a única alternativa para o governo norte-americano. Uma resposta pacífica em nenhum momento é colocada, e nem mesmo um questionamento mais profundo sobre os objetivos da resposta militar são descritos, a meta única era praticar uma vingança contra o inimigo terrorista. Segundo Deodoro Moreira (2009, p.23-25) os EUA se colocaram na posição de vítima, e a mídia foi a principal divulgadora desta postura norte-americana, dando voz ao discurso oficial, sem analisá-lo criticamente ou pensá-lo dentro de seu contexto histórico. Como vítima os

EUA deveriam reagir contra os inimigos da democracia e da liberdade, isto é, contra os extremistas muçulmanos. Após Uchôa o segundo comentarista foi apresentado: o analista das relações internacionais, Clóvis Brigagão, que vai analisar as mudanças no panorama mundial após os atentados do dia 11 de Setembro de 2001. Ao ser questionado por que nenhum grupo terrorista assumiu imediatamente o atentado, o cientista afirma:

pode ser umas coisas: pode ser essa mudança de tática, em geral o terrorismo, a natureza do terrorismo, é anunciar o gesto heróico diante de sua fé diante do seu objetivo de alcançar o reino do céu. Ou poderia ser também que todos os terroristas tenham morrido no atentado de Nova Iorque, isto é outra opção. Ou pode ser uma tática de confundir a opinião internacional. O principal é dizer que o terrorismo hoje é a principal ameaça à paz internacional.¹³

Mais uma vez islã e violência são associados de forma leviana durante a reportagem. O comentarista afirma que a natureza do terrorismo, é “anunciar um gesto histórico diante de sua fé diante do seu objetivo de se alcançar o reino do céu”, como se todo atentado terrorista tivesse apenas motivações religiosas. Basta enumerar aqui a existência de grupos armados em nossa contemporaneidade que praticam o terrorismo e não possuem origem religiosa: o ETA (Pátria Basca e Liberdade) que luta pela libertação do povo basco contra o domínio espanhol; e as Farc, na Colômbia que buscam tomar o poder e instaurar um governo de tendências socialistas neste mesmo país. Se recuarmos um pouco mais pode se observar que a denominação terrorista também foi utilizada pelas

¹³ Jornal Bom Dia Brasil, 12/09/2001. Fonte: Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho.

potências coloniais contra os grupos que resistiam à ocupação imperialista. Segundo Domenico Losurdo, a luta destes povos dominados nada tem haver com a religião, mas sim com o desejo de instituir um Estado nacional independente. Assim o autor afirma que denominar um grupo de terrorista nada mais é que uma forma de diminuir a humanidade dos combatentes que resistem aos avanços e interesses das potências ocidentais, nada tem haver com seus métodos ou técnicas de luta. “Quer dizer a recusa a considerar como combatentes os que opõem resistência ao Ocidente é expressão da tendência, mais ou menos acentuada, à desumanização daqueles.” (LOSURDO, 2010, p. 52.)

Corroborando com essa leitura e aprofundando ainda mais a crítica às grandes potências, está o intelectual Noam Chomsky que se apega à definição oficial do termo, a mesma empregada pelos manuais do exército norte-americano. Desse modo, terrorismo é conceituado como “a ameaça calculada ou o uso da violência para obter metas políticas, religiosas ou ideológicas, conduzidas através da intimidação e da disseminação do medo.” (CHOMSKY, 2003, p. 118.) Contudo Chomsky em seus diversos trabalhos demonstra como este conceito é subvertido dentro das relações internacionais e se torna um plano de ação oficial do governo estadunidense. Para ele, os EUA praticaram terrorismo internacional contra nações menores como Nicarágua, que durante a Guerra Fria sofreu incursões de grupos pró-capitalista que praticavam o terrorismo sendo previamente treinados e patrocinados por esta potência. E após o dia 11 de setembro 2001, o novo alvo foi o Afeganistão. Segundo o autor a ameaça de invasão deste país caso eles não entregassem as lideranças do grupo que os norte-americanos acreditavam ter participado do planejamento do ataque às torres gêmeas, nada mais é que uma forma de intimidação e disseminação do medo para se alcançar um fim político, se enquadrando dentro do conceito presente nos manuais do exército

americano. A hipocrisia do conceito está no fato de que “o termo terrorismo é usado por cada Estado, cada sistema de poder, para referir-se ao terrorismo que ‘eles’ conduzem contra nós, não para o que ‘nós’ conduzimos contra eles.” (CHOMSKY, 2003, p. 119.) Em outras palavras, Chomsky nos mostra que tanto elementos insurgentes quanto Estados podem fazer uso de métodos terroristas, contudo a alcunha terrorista recai sobre os grupos rebeldes graças a denominações construídas pelos detentores do poder estatal que tem como meta bestializar o adversário, tornando ilegítima a sua luta e os seus objetivos.

Retomando o comentário do cientista social, ao arregimentar os temas terrorismo e Islã dentro de um mesmo conjunto, ocorre que os valores mais essenciais do islã como uma civilização são deixados de lado, e apenas o seu aspecto político-ideológico é colocado em evidência. Demant afirma que os grupos fundamentalistas, que ele denomina como islamitas, são minorias entre os muçulmanos e são eles que dominam os meios de comunicação. “Nem todos os grupos defendem a violência ou adotam os meios terroristas, mas as minorias extremistas que optam pela violência constituem um perigo iminente para as sociedades muçulmanas onde operam e, crescentemente, para o resto do mundo”. (DEMANT, 2004, p. 342-343.) A mídia teve sua contribuição, pois neste momento em que se discutiam os atentados, apenas notícias violentas ou ruins dentro dos padrões ocidentais foram apresentadas na televisão. “Em parte, é consequência da tendência jornalística, comercialmente compreensível mas irresponsável, de preferir notícias sensacionalistas. A abertura de uma mesquita não é notícia; rezas regulares e pacíficas da congregação, ainda menos.” (DEMANT, 2004, p. 341.)

O discurso de Clóvis Brigagão não vai além dos preconceitos recorrentes que são direcionados ao islã, e sua associação entre terrorismo e esta religião, transforma a mesma na maior inimiga dos valores Ocidentais e automaticamente da paz. Ao invés de construir um discurso de tolerância que diferencia a civilização islâmica do terrorismo, ele confirma a visão estereotipada e equivocada do islã como inimigo do Ocidente e desumaniza seus fiéis. Ele cai na armadilha idealizada por Bin Laden e seus seguidores que é criar um estado permanente de ódio e medo entre estas duas civilizações.

Para intelectuais como Abdelwahab Meddeb, esta opção de generalizar o islã e terrorismo, não nos permite uma maior compreensão desta religião. A ação destes radicais islâmicos tem contribuído para sedimentarem estas perigosas generalizações no senso comum. Pelo contrário a melhor forma de combater o terrorismo e o conseqüente reducionismo do Islã à caricatura de violência praticada por alguns grupos de muçulmanos é:

devolver ao Islã a sua complexidade e reconhecer sua contribuição para a universalidade. Para tanto, convém não reduzi-lo apenas à expressão política e guerreira e abordá-lo através de duas outras instâncias em que ele se expressa; de modo que é conveniente considerá-lo como civilização e religião antes de levar em conta sua vocação política e guerreira. (MEDDEB, 2004, p. 172.)

Portanto, é necessário humanizar a religião muçulmana e traçar mais as suas características positivas e contribuições para a construção do mundo ocidental do que

reafirmar antigos preconceitos que apenas fortalecem a intolerância entre as civilizações. O telejornalismo da Rede Globo no afã de alcançar o “furo” de reportagem e concomitantemente uma maior audiência promoveu uma mensagem que apelava para a razão e ao mesmo tempo para emoção do telespectador, desencadeando os seus imaginários.

Para explicar os atentados o jornalismo recorreu à uma causa globalizante e essencializada: o ataque de uma civilização livre e civilizada (ocidente), contra outra fanática e violenta (o Islã), o famoso maniqueísmo entre o bem e o mal. Concomitantemente as reportagens constroem novas oposições: aqueles que se solidarizam com as vítimas do atentado (nações européias e o Estado de Israel) e aqueles que comemoram a desgraça alheia para as câmeras das emissoras ocidentais (árabes palestinos). Consequentemente o terrorismo e especialmente o atentado-suicida também são essencializados como algo próprio e exclusivo do Islã. E a última informação essencializada foi legitimar a violência como discurso de reparação, colocando a vingança, melhor dizendo, a intervenção militar norte-americana, como a única alternativa para responder aos atentados terroristas e abandonar outras soluções pacíficas antes de serem avaliadas ou efetivamente usadas.

Todas essas essencializações desumanizam e constroem uma imagem ameaçadora do islã, que são transmitidas para os espectadores, que tem na televisão uma de suas principais fontes de formação e informação sobre eventos do mundo globalizado, e que dentro deste contexto de crise operam como instrumento de consenso e mobilização do governo dos EUA para as suas interferências nos territórios muçulmanos.

A telenovela “O Clone” e a representação do Islã

A telenovela “O Clone” levou o tema do islã para a televisão brasileira, contribuindo para a promoção de informações da cultura islâmica principalmente em meio aos setores populares, desprovidos de qualquer tipo de conhecimento desse universo religioso, cultural e político. A novela foi exibida durante o período de 1º de outubro de 2001 à 15 de Junho de 2002, escrita por Glória Perez sobre a direção de Jaime Monjardim e Marcos Schechtman. Deve-se destacar que este tipo de público tem na TV a principal fonte de informação e lazer, além de se caracterizar pelo pouco consumo de literaturas informativas. Em sua maioria, seu perfil é marcado por uma quase ausência do hábito de leitura de livros. Muitos sequer leem jornais e revistas semanais. Segundo um estudo encomendado pelo Centro de Integração Empresa-Escola à empresa Toledo e Associados, 18% dos universitários não lêem livros e 16% lêem de vez em quando. Outro dado alarmante é a quantidade livros lidos por habitante em um ano, os brasileiros apresentaram o índice de 1,8 de livros por ano, enquanto os colombianos apresentam a média de 2,4 livros e os franceses a média de sete livros.¹⁴

Salientamos que a trama foi ao ar em um contexto marcado pelos graves atentados terroristas perpetrados ao World Trade Center, portanto em um momento de elevada tensão internacional. Naquela ocasião o islã era o centro de debate público mundial e a novela alcançou uma grande repercussão na mídia nacional, contribuindo para aproximar o país e a cultura islâmica. Ao longo de mais de oito meses, de segunda a

¹⁴ Disponível em: <<http://tudosobreleitura.blogspot.com/2010/06/por-que-leem-tao-pouco-os-brasileiros.htm>>. Acesso em: 20/10/2010.

sábado temas relacionados com este universo civilizacional foram levados para a esfera pública nacional, pois como ressalta Maria Lourdes Motter, “a telenovela funciona como a maior tribuna do país.” (1998, p. 96-99). Neste caso, entende-se que por meio dos personagens, dos diálogos, imagens, situações, conflitos e até sonoridades, a narrativa ajudou a informar a audiência brasileira acerca dessa tradição cultural.

Embora a dimensão didática da trama tenha contribuído para levar ao público aspectos importantes do universo dos muçulmanos, reconhece-se que “O Clone” reiterou alguns estereótipos retomados da tradição orientalista literária. Apesar disso, em nenhum momento o folhetim estabeleceu associações entre o islã e o terrorismo. Não se pode negligenciar que naquela conjuntura, marcada pela queda das torres gêmeas, conforme já ressaltamos a grande mídia informativa internacional e, por conseguinte suas congêneres brasileiras enfatizavam sobremaneira o fenômeno do “Fundamentalismo” e o tema da violência terrorista. Por isso insistiu-se neste argumento: a novela neutralizou grande parte dessa tendência em caricaturar os muçulmanos como violentos e adeptos do terrorismo. Deve-se mencionar que esta foi uma telenovela que alcançou excelente média de audiência invertendo uma tendência de ligeiro declínio nos números. Silvia Helena Simões Borelli, nos fala que a novela “O Clone” permitiu que os índices de audiência retomassem patamares mais sólidos (BORELLI, 2005, p. 88) e, pelo menos que, durante o seu tempo de exibição, invertesse o declínio experimentado nos anos anteriores. Trata-se de uma produção da teledramaturgia nacional que foi exportada para vários países. Vale a pena destacar que o principal êxito temático da obra é a questão da clonagem humana e os debates suscitados em torno disso. Contudo, acreditamos que em função do contexto produzido pelos eventos dia 11 de setembro de 2001, os produtores acabaram por redimensionar a trama, supervalorizando o tema do islã e dos muçulmanos no seio da mesma. Isto influenciou até mesmo no tamanho, pois enquanto

a média das produções da Globo para o horário nobre giram em torno de 180 capítulos, “O Clone” teve mais de duzentos. Acrescenta-se que além dessas duas temáticas, o drama ainda abordou o tema das drogas e da dependência, de forma inovadora e interessante. O público que acompanhou a novela conseguiu identificar de forma clara as três abordagens. No entanto, destacamos que a identificação popular da narrativa foi mais ampla para com o universo da cultura islâmica, conforme a enquete postada na comunidade oficial da novela no orkut.¹⁵

O islã foi abordado através da representação de uma comunidade muçulmana que se divide entre o Marrocos e o Brasil tendo como um dos principais núcleos dramáticos os “personagens muçulmanos”. Destaque para o patriarca Ali, que na ficção representava o bom muçulmano, moderado em suas posições e que através dos diálogos bastante didáticos explicava vários aspectos da religião, protagonizando uma verdadeira aula sobre o tema para o público que assistiu. Destacam-se também outros personagens do núcleo muçulmanos: as primas Jade (a mocinha da história) e Latifa, sobrinhas do Ali, os irmãos Said e Mohamed, também sobrinhos e casados com as primas, bem como o ancião “puritano” Abdul (também tio dos casais), assim como Zoraíde, de origem beduína e que “governava” a casa do Ali.¹⁶

¹⁵ <http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults?cmm=421652&pid=1977618964&pct=1233411924>
Acessado em 15/11/2010

¹⁶ Elenco: Murilo Benício interpretou Lucas Ferraz / Diogo Ferraz / Leandro Edvaldo (Léo); Giovanna Antonelli interpretou Jade; Dalton Vigh interpretou Said; Antônio Calloni interpretou Mohamed; Stênio Garcia interpretou o Tio Ali; Sebastião Vasconcelos interpretou o Tio Abdu; Letícia Sabatella interpretou a Latiffa; Eliane Giardini interpretou a Nazira; Juca de Oliveira interpreta Albieri; Jandira Martini interpreta Zoraide.

Em uma sociedade impregnada pela visualidade eletrônica, acontecimentos contemporâneos, assim como imagens e informações sobre culturas diferentes são acessadas principalmente através dos aparelhos de televisão. No Brasil, então temos uma sociedade muito mais integrada na e pela TV. Tem-se uma poderosa indústria cultural cujo marco hegemônico é a Rede Globo de televisão, um dos maiores conglomerados de comunicação do mundo e a segunda grande exportadora de telenovelas. Soma-se a isto, a existência de uma população que lê muito pouco em relação aos países considerados desenvolvidos, e até mesmo quando comparados com países da América Latina. Diante desse quadro, podemos afirmar que é por meio da televisão que a população brasileira se informa em relação ao islã. Desde antigas produções da teledramaturgia nacional como o *Sheik de Agadir* (exibida pela Globo em 1966-1967) ou *Gabriela* (exibida pela Globo em 1975), tem-se formado um repertório de imagens sobre a civilização islâmica, e os muçulmanos em particular. Além disso, toda uma série de animações, seriados, filmes tem contribuído para a profusão de um imaginário relacionado a esta cultura.

Além de proporcionar entretenimento, “O Clone” retratou os muçulmanos e explicou o islã, em linguagem televisiva, contribuindo assim para familiarizar o público brasileiro a essa civilização que naquele momento era muito mal falada e pouco explicada. Nesta linha de argumentação, a novela não depreciou a tradição cultural islâmica. Muito pelo contrário, o melodrama elaborou uma imagem positiva do islã e dos muçulmanos, humanizando-os e procurando dissociá-los da imagem de violência e terrorismo disseminada na mídia de informações. Esther Hamburger, estudiosa do fenômeno telenovelistico brasileiro já apontava para o fato de que esta narrativa audiovisual

conseguiu levar para a ficção uma versão do mundo árabe islâmico oposta às “imagens bélicas que abundam no noticiário”¹⁷. Apesar da espetacularização, das generalizações e da rapidez de algumas cenas que explicavam aspectos da religião podemos depreender que o resultado foi positivo, pois milhões de telespectadores receberam informações fundamentais da vida religiosa do muçulmano, de sua cultura e costumes. A linguagem do gênero, aliadas as possibilidades técnicas do meio conseguiu transmitir informação com uma boa capacidade didática, alcançando um grande público. Além disso, o folhetim contribuiu para levar à agenda pública nacional importantes questões que afetam os muçulmanos em sua sociedade – como a relação com o Ocidente e a modernidade – bem como problemas enfrentados pelos fiéis em países não-islâmicos como, por exemplo, a questão da educação dos filhos.

Essa dimensão didática da novela foi traduzida na abordagem claramente informativa em “O Clone”. As principais questões concernentes ao mundo islâmico, abordados na obra audiovisual foram os temas relacionados com a situação da mulher seguidos, por explicações da vida religiosa islâmica e também histórias do profeta Maomé e de outros personagens da tradição muçulmana, incluindo aí alguns que são comuns ao cristianismo como é o caso da Virgem Maria. Além disso, uma infinidade de assuntos relacionados à culinária, simbologia, tradições, bem como as críticas ao Ocidente e à temática relacionada ao orientalismo em geral são retomadas na trama. Para os propósitos e limites deste artigo optamos privilegiar a dimensão didático-pedagógica do folhetim, a partir da abordagem das temáticas que procuram explicar pontos importantes da cultura islâmica. Para tanto priorizaremos alguns exemplos que “esclareceram” aspectos relacionados com o tema da mulher no islã. Afinal, este é um dos pontos de

¹⁷ HAMBURGUER, Esther. Análise: drama vai a novo território imaginário. In: Folha Online. <http://www1.folhaol.com.br/folha/ilustrada/ult90u18408.shTml>>. Acesso em: 13/10/2010

maior polêmica nas relações entre mídia e esta civilização. É comum reportagens nos diversos meios de comunicação que rotulam a religião islâmica como “opressora” às mulheres, foram também muito frequentes as generalizações apressadas quando o assunto é a mulher islâmica. Por isso, diante de tamanha complexidade, predomina a controvérsia sobre tentativas de se descreverem a realidade social das mulheres muçulmanas. Trata-se de um terreno marcado por muita polêmica, em que pese algumas doses de fascinação, herança talvez de um imaginário impregnado pelo clima de sensualismo egresso das “fantasias orientais” evocadas em discursos tributários das *“Mil e uma noites”*.

Desde seu advento o islã estabeleceu uma atenção para a relação entre os sexos, se preocupando principalmente com o papel e posição da mulher dentro da sociedade. (DEMANT, 2004, p. 148.) Como Peter Demant explicou: “No pensamento islâmico atual, a posição da mulher é inferior a do homem, situação que reflete a realidade sociológica da sociedade pré-islâmica da qual o islã emergiu, das comunidades muçulmanas históricas e do mundo muçulmano atual.” (DEMANT, 2004, p. 150.) Logo a situação feminina no islã é um reflexo do contexto sobre o qual a civilização islâmica se sobrepôs. Práticas patriarcais das antigas sociedades do Oriente Médio inscreviam as mulheres da região a uma posição de inferioridade perante os homens. O advento do islã promoveu melhorias na condição feminina e a telenovela procurou retomar este discurso, estabelecendo uma rápida comparação com o Ocidente, muitas vezes criticado na obra por promover a erosão dos valores da tradição religiosa. É por meio do personagem Ali, que esse discurso ganha vida na ficção. A maior parte do elemento explicativo se materializou através de suas narrativas. Como exemplo deste didatismo, temos uma passagem onde o patriarca conversando com o amigo Abdul e a sobrinha

deste, Nazira, procura destacar o papel do Alcorão na promoção de avanços na situação da mulher:

Ali: É o que eu sempre digo pros meus amigos do Ocidente: o árabe pode ser machista, e ele é machista, mas o Alcorão não é. O Alcorão deu as nossas mulheres direitos que as mulheres ocidentais, mesmo falando de liberdade, só conquistaram séculos depois. O direito de herança, o direito ao divórcio.¹⁸

O personagem, que na trama encarna o homem sábio, experiente e zeloso guardião da boa tradição islâmica, reconhece o machismo na cultura árabe. Faltou apenas ir um pouco mais longe acerca da sobrevivência de velhos costumes como elementos que acabaram restringindo o alcance das conquistas corânicas. No contexto do século VII, em uma sociedade fortemente marcada pela desvalorização das mulheres a chegada do islã vai promover melhorias importantes na condição feminina. O trecho acima citado reconhece esta situação, embora restrito na fala de Ali ao direito à herança e ao divórcio.

Sabe-se que na sociedade pré-islâmica a mulher era privada à herança, sendo muitas vezes considerada praticamente uma propriedade do homem. Além disso, os árabes recorriam com frequência ao infanticídio feminino. O islã não só proibiu tal prática, como garantiu seu direito à herança, embora a mulher tenha direito a herdar apenas a metade em relação aos homens. Na tradição muçulmana esta diferença é justificada pelo papel de provedor atribuído ao sexo masculino. Cabe ao homem sustentar a família e proteger a mulher. A mulher a partir de então passou a ter existência jurídica, inclusive

¹⁸ Telenovela O Clone, capítulo 15. Arquivo pessoal de César Henrique de Queiroz Porto.

tendo direitos delineados em relação à propriedade. Quando se casa, “(...) o marido um *mahar* (preço da noiva) que pertence a própria mulher (e não a seus parentes masculinos) e lhe é devido em caso de divórcio.” (DEMANT, 2004, p.150.)

A novela enfatizou em várias cenas, através de muitos diálogos aspectos constituintes da vida de uma muçulmana, como por exemplo, a questão do *mahar*, ou dote, como um instrumento garantidor de segurança financeira em caso de dissolução do casamento. Inúmeras passagens destacavam o pagamento do dote por ocasião do casamento. Na trama, são realizadas várias cerimônias de casamento, que ilustram o lugar desta prática na tradição islâmica. O patriarca Ali, praticamente “negocia” o casamento das duas sobrinhas, Jade e Latifa com os também sobrinhos e irmãos Said e Mohamed. Em ambos os casos, a consecução do arranjo matrimonial é precedida pelo pagamento do dote que se dá mediante a entrega de uma determinada quantia em ouro.

A possibilidade do divórcio também foi bastante destacada no folhetim, pois a protagonista principal, a “mocinha” Jade¹⁹, se casa com Said, apenas para satisfação do tio. Muito pouco a vontade no papel de esposa “muçulmana”, ela passou quase que a trama inteira entre o repúdio pelo marido e as várias reconciliações. Chegou mesmo a ser divorciada três vezes e para se reconciliar com o esposo novamente teve que se casar com outro homem para depois de trinta dias se divorciar do novo marido para posteriormente se casar com Said. A situação ficcional bastante estranha ao universo

¹⁹ O enredo principal da novela se desenvolve ao longo da história de amor entre Jade, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli e Lucas, interpretado por Murilo Benício, um brasileiro que conhece a moça no Marrocos e ambos acabam sendo separados estabelecendo suas próprias famílias, mas alimentando um romance dentro da mais acabada tradição melodramática. Ao final da trama, o casal é reunido em um desfecho típico de “final feliz”.

cristão encontra respaldo na complexa tradição islâmica, embora inusitada e pouco usual, pois uma “(...)mulher três vezes repudiada, com efeito, não necessitaria retornar ao seu esposo senão sob a condição da contratação de um novo casamento, consumado e seguido de divórcio.” (BOUHDIBA, 2006, p. 121.)

Desta forma ao dar visibilidade a essa complexa tradição ligada ao casamento islâmico, a autoria do folhetim procurou conferir um lugar central à vida matrimonial muçulmana. Ao longo dos vários capítulos o tema do matrimônio é representado via a prática do cotidiano ficcional dos personagens. As mulheres falam constantemente do casamento. Os dois anciãos, Ali e Abdul estão envolvidos praticamente durante toda a história na procura de esposos e esposas para os vários sobrinhos que possuíam – além dos citados neste artigo, figuravam vários adolescentes que compunham a extensa família muçulmana na obra. No decorrer de toda a novela, foram mostrados cerca de cinco casamentos que envolveram várias questões, desde o dote, passando pelo aspecto cerimonial, até a expectativa em torno da noite de núpcias, representada pelo tema da virgindade feminina.

Um aspecto a se considerar no casamento islâmico é que o marido tem a obrigação de satisfazer a sua esposa, pois a relação sexual é um dos pilares do matrimônio. (BOUDIBA, 2006, p. 34.) Bouhdiba em sua obra nos apresenta um panorama revelador da sexualidade islâmica. O casamento se constitui em uma obrigação na tradição muçulmana, pois a relação entre os casais é de complementaridade. Nesta linha, as relações sexuais ganham legitimidade sacramental, não se limitando apenas a procriação. (BOUDIBA, 2006, p. 27.) Logo, no islã, existe “(...) uma apreciação positiva da sexualidade em si. Fontes islâmicas falam do coito como um ato de

harmonia com o cosmos. (...) o sexo é imprescindível a reprodução (...) mas é igualmente um dos prazeres sensuais da existência, valor reconhecido em si.” (Demant, 2004, p.152.)

Assim, os muçulmanos repudiam o celibato, estimulando sempre o casamento e repudiando as relações sexuais fora do arranjo matrimonial. Este, em última instância, circunscreve o prazer sexual conferindo-o excepcional institucionalidade. Por isso, os personagens da trama insistiam em sua importância, falando e explicando sobre ele em várias cenas. Em muitas delas, a exortação adquiria tom de advertência perante os perigos que uma vida afastada da concepção de mundo islâmica poderia oferecer. É assim que se manifesta o Ali a sua sobrinha Jade, quando chama a atenção para as vantagens do matrimônio. Vejamos este pequeno recorte retirado de um diálogo onde o patriarca procura aconselhar a jovem:

Ali: Jade! Você está muito dividida. A consciência de uma muçulmana e os desejos de uma ocidental. Deus não botou dois corações no peito da gente. Ninguém pode ser feliz olhando pra dois caminhos. É bom se casar. O casamento vai te proteger você de você mesma.²⁰

Jade se apresentava como uma pessoa dividida, perdida a meio caminho entre sua criação no Brasil e suas origens muçulmanas. Criada no Rio de Janeiro, após a morte da mãe, mudou para o Marrocos, passando a viver sob os cuidados do tio. O Ali passa boa parte da trama tentando resgatar as raízes muçulmanas da sobrinha para tentar afastá-la de sua

²⁰ Telenovela O Clone, capítulo 4. Fonte: Arquivo pessoal de César Henrique de Queiroz Porto.

influência “ocidental”. O casamento é sugerido como um meio de protegê-la, pois possibilitaria seu reencontro com sua fé e tradição. Em outro diálogo protagonizado pelo Tio e pela sobrinha, além do destaque dado ao Alcorão como um guia que possibilita ao muçulmano encontrar as respostas para a vida cotidiana, Ali pergunta se Jade já leu o que o livro sagrado fala sobre o casamento. E diante da negativa da moça prossegue a conversa em tom didático:

Ali: É muito bom ler esse pedaço. Deus mostra pra gente que a família é a coisa mais importante que existe. Devemos tomar cuidado com a nossa família. Proteger a família da discórdia. Se a família se desequilibra a sociedade vai se desequilibrar também. Por isso é que o livro sagrado recomenda uma pena muito severa quando o homem ou mulher desequilibram a família cometendo adultério. Você sabia disso?

Ali: Escuta. Ta marcado aqui. Quanto ao adultério e a adúlteros, castigai-os com cem chibatadas cada um. Não deixe que a compaixão os demova de cumprir a lei. Ta vendo? Cem chibatadas em praça pública para servir de exemplo. (...) ²¹

Mais uma vez o experiente muçulmano chama a atenção para o papel central do casamento na tradição islâmica. È destacada a importância da instituição familiar, onde homem e mulher asseguram a estabilidade da sociedade. No islã, conforme já nos referimos as relações sexuais fora do casamento (e no contexto do concubinato) são condenadas e incorrem em severas punições. Bouhdiba fala em apedrejamento até a morte. (BOUHDIBA, 2006, p. 30.) Peter Demant acrescenta ainda que as cem chibatadas também figuram no rol das punições tradicionalmente conhecidas. Para ele,

²¹ Telenovela O Clone, capítulo 28, Arquivo pessoal de César Henrique de Queiroz Porto.

“(...) a honra da família é condicionada à pureza sexual das mulheres: a virgindade das filhas, a fidelidade das esposas e a castidade das divorciadas e viúvas.” (DEMANT, 2004, p. 154.)

A sexualidade fora do casamento é vista como devassidão, capaz de desequilibrar a família e corromper a sociedade. Por isso, o tio Ali se concentra ao longo da trama em fazer com que a sobrinha se case com o pretendente que arrumou. O problema é que praticamente durante todo o restante do folhetim, o patriarca vai estar as voltas com a insatisfação de Jade em relação ao seu casamento com Said e com o temor de que ela fugisse a procura de Lucas, acarretando assim a ruína da honra familiar. Em algumas cenas, Jade chegou a ser acusada pela família do marido de estar “espalhando a corrupção”. Nestas horas, o Tio sempre invocava a necessidade do depoimento de quatro testemunhas masculinas.

Considerações finais

É consenso a percepção de que a religião está reconquistando espaço dentro da sociedade, e também é consensual que os grupos majoritários representados pelas religiões de origem cristã estejam dominando o espaço televisivo e se utilizando dele para divulgar sua doutrina e conquistar fiéis. Contudo o islã, apesar de ser um grupo minoritário alcançou uma grande divulgação na mídia televisiva principalmente após os atentados do dia 11 de setembro de 2001.

Entretanto, esta visibilidade não ocorreu por intermédio de grupos de fiéis da própria comunidade muçulmana, mas sim por meio do telejornalismo e da dramaturgia ficcional. Assim diante, de sua posição de minoria no Brasil, fato que lhe impossibilita fazer uso maciço dos meios de comunicação, elementos da religião muçulmana foram divulgados neste período de forma intensa. Tal abordagem variou da extrema confusão de conceitos presente no telejornalismo até tentativas pedagógicas de se transmitir os valores mais significativos de forma humanizada da religião islâmica para a sociedade brasileira. O telejornalismo criou uma abordagem que foi incapaz de compreender a complexidade do islã enquanto civilização. Muitas vezes a religião foi reduzida ao terrorismo, à violência e à oposição à sociedade ocidental. Assim o telejornalismo desumanizou a religião muçulmana, e a reduziu a um elemento político e radical que é colocado como adversário dos valores ocidentais.

Portanto, consideramos que “O Clone” contribuiu para colocar o islã na pauta de assuntos do dia a dia de milhões de pessoas que assistiram à trama. Conforme destacamos, a novela levou a cultura islâmica para a televisão sob um outro olhar, diferente das imagens de violência que abundavam nos noticiários. Enquanto que o telejornalismo enfatizava o terrorismo e o fundamentalismo, a novela mostrou elementos da religião de forma humanizada. Não podemos desconsiderar que na conjuntura da invasão norte-americana ao Afeganistão, então governado pela milícia tribal do Taleban, a novela deu uma importante contribuição levando informações da religião, mostrando costumes, práticas e instituições de destaque na vida dos muçulmanos, demonstrando a complexidade de expressões que a religião islâmica possui, bem diferente das imagens reducionistas que predominam nos telejornais.

Referências bibliográficas

- BOUHDIBA, Abdelwahab. *A sexualidade no Islã*. São Paulo: Globo, 2006.
- CASTRO, Isabelle C. Somma de. *Orientalismo na Imprensa Brasileira: A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001*. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.
- CHOMSKY, Noam. Mídia, terrorismo e (des)informação. *Revista Famecos*. Nº22. Porto Alegre. Dezembro de 2003. P. 117-125.
- DANIEL, Norman. *Islam and the West*. Oxford: One world Publications, 2003.
- DEMANT, Peter. *O Mundo Muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- HAMBURGUER, Esther. Análise: drama vai a novo território imaginário. In: Folha Online. Disponível em: <<http://tudosobreleitura.blogspot.com/2010/06/por-que-leem-tao-pouco-os-brasileiros.htm>>. Acesso em: 20/10/2010.
- LOSURDO, Domenico. *A Linguagem do Império: Léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo editorial, 2010.
- MEDDEB, Abdelwahab. O islã entre a civilização e a barbárie. In: NOVAES, Adauto (org.) *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Schwarcz, 2004.
- MOREIRA, Deodoro J. *Islã e Terror: estratégias de construção na mídia impressa*. 2009. 169 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia universidade Católica, São Paulo, 2009
- MOTTER, Maria de Lourdes. Telenovela: arte do cotidiano. *Comunicação & Educação*. São Paulo [13]: 89-102, set/dez. 1998.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

SANT'ANNA, Ivan. *Plano de Ataque: A história dos vôos de 11 de setembro de 2001*. Editora Objetiva, Rio de Janeiro. 2006

TALBOTT, Strobe. CHANDA, Nayan (org.) *A era do terror: o mundo depois do 11 de setembro de 2001*. Tradução: Cristiano Serra. Rio de Janeiro: Campus. 2006.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabulacao_avancada/tabela_brasil_1.1.2.shtm. Acessado em 14/11/2010.

<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults?cmm=421652&pid=1977618964&pc=1233411924> Acessado em 15/11/2010

<HTTP://tudosobreleitura.blogspot.com/2010/06/por-que-leem-tao-pouco-os-brasileiros.htm> Acessado em 20/10/2010

Fontes

Telejornal Bom dia Brasil, dia 12/09/2001. Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho.

Telejornal Jornal Nacional, dia 11/09/2001. Arquivo pessoal de José Eustáquio Chaves Filho.

PEREZ, Glória. *O Clone*. Direção Jaime Monjardim e Marcos Schechtman. Exibida entre 1º de outubro e 15 de junho 2002. Rede Globo. Nº de episódios: 221. Arquivo pessoal de César Henrique de Queiroz Porto.